



PORTA DOIRADA, EM PREJUS.

Esta porta está situada a uns cem passos da cidade de Frejus, ao meio, e do lado do mar. Por baixo do seu arco passavam antigamente as mercadorias que vinham do antigo porto, onde entraram um dia os trezentos navios de Antonio tomados por Augusto em Actio. Este porto, cujos paues insalubres são funestos aos habitantes, foi entulhado em 1812. Talvez se não desse à porta o sobrenome de «Doirada» (*Aurata*) se não por ser muito bella; entretanto, uns pretendem que este epitheto alludia ás riquezas que

por ella atravessavam no tempo do esplendor do «Mercado de Julio» (*Forum Julii*, d'onde, por corrupção, veiu Frejus); outros julgam que fôra construida pelo imperador *Aureliano*; finalmente, a tradição popular quer que a palavra *doirada* venha simplesmente de se terem collocado entre as pedras pregos de ferro com cabeça d'ouro, alguns dos quaes são ainda visiveis. A altura da base até ao arco é de 8^m,20, a largura de 3^m,52. Por cima do arco eleva-se uma massa de alvenaria onde predominam fileiras de tijolos.

FEVEREIRO, 6, 1858.

VOL. II — 4.ª SERIE.

C. M. L.
G. M. L.
DE
OUBIROS
OUBIROS

cujo relevo é de 30 centímetros. Os pilares teem 2^m,80 de largos sobre 6^m de altos. Construída de pedras brutas de todas as formas unidas por argamça, a porta é coberta exteriormente de pedras de cantaria, tiradas d'uma pedreira proxima da cidade, talhadas em cubos regulares de 20 centímetros, pouco mais ou menos. O arcaamento é formado por pequenas pedras muito unidas. Parece certo, por alguns pedaços respectivos a este fragmento, que devia ser esta uma das portas abertas de distancia em distancia na muralha que cercava a cidade. «O perimetro da antiga cidade, diz mr. Mérimée, é visível quasi por toda a parte, e em alguns sitios pode ainda julgar-se da altura dos muros; eram flanqueados de distancia em distancia por torres redondas, de mediocre diametro, construídas como baluartes, pouco ornadas, compostas de parallelogramos rectangulos em fiadas horisontaes.»

Em 1802, um raio destruiu parte da porta Doirada do lado de este; mas é tal a solidez d'esta construcção, que o proprio fogo do ceo não pôde aluila, e parece dever resistir ainda por grande numero de seculos. As impressões do tempo.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

VIII

PRIMEIRO FIO DA TEIA.

Continuação.

Simão Rodrigues não hesitou: subiu adiante dos dois personagens com quem se encontrara, e entrando em casa, apontou-lhes com gesto de senhor para dois assentos, acrescentando:

— Chegou a occasião de aclarar este mysterio.

— Talvez, disse o ultimo personagem que vimos apparecer, se houver da vossa parte a necessaria prudencia.

— E se entendermos que na declaração ha conveniencia, ajuntou Vaz Gil.

— Então por que occultar-se-me, sendo, como presuppõho, o mais interessado na revelação?

— E quem vos disse que sois o mais interessado? replicou Vaz Gil.

— Pois não fui eu a quem prenderam traiçoeiramente? Não era eu a quem destinavam talvez um horrivel fim?

— E se fosseis o effeito, e não a causa?

— O effeito! sendo como sou um homem despreendido de relações, occupado unicamente no meu negocio!

— Se assim fôra! Esquece-vos, porém, que existe no mundo uma certa Beatriz, rica e formosa...

— Ah! calae-vos... calae-vos...

— Já não é possível parar na revelação, senhor Simão Rodrigues. Ha quem olhou com vistas cubiçosas não para a formosura, mas para a sua fortuna. Esse homem, nobre e poderoso, pre-

tende rehabilitar seu nome á custa de riquezas, deseja doirar de novo o seu brasão com o ouro de vossa prima, e para o conseguir não recuou ante a infamia e a delação. O tribunal do santo officio recebeu uma communicação, obra d'esse fidalgo degenerado, que, afastando-vos de Beatriz, julgava facil apresentar-se, e vencer. Não recuaria, tende a certeza, nos meios a empregar, dispondo, como faceis lhe eram, dos favores do throno.

— Mas esse fidalgo...

— Ajudado pelo judeu Samuel quizeram lançar-vos mão esta noite para vos entregarem ao terrivel tribunal da inquisição, afim de não haver tempo de serdes prevenido, e poderdes desfazer a calumnia. Esses homens que vistes na barca deviam ser as testemunhas no processo que se instaurasse, e haviam jurar que tinheis blasphemado de Deus na occasião de vos prenderem.

— E esta carta, acrescentou Vaz Gil tirando um papel do bolso, que seria entregue ao inquisidor geral, como encontrada em vosso poder, basearia o processo. Ouvi:

«No dia 12 do corrente Janeiro devemos reunir-nos onde sabeis. Os objectos a tratar são, «a reforma do culto, que vae degenerado, e o «restabelecimento do throno na pessoa do legitimo rei. A associação pede-vos, senhor Simão Rodrigues, que não falteis, e que n'esta occasião, como em todas as mais, a coadjuveis «com os vossos teres e consummada prudencia. «— F...»

— É uma infame calumnia.

— Mas uma calumnia que vos reteria presos uns poucos de annos, e no entanto daria tempo a desinvolver projectos que vos arrebatariam Beatriz.

— Meu Deus! meu Deus! como viver n'este mundo!

— Satisfazendo aos preceitos de honra como haveis satisfeito, e dando largas á bondade de vosso coração, como hontem o praticastes comigo. A vossa bondosa acção, senhor Simão Rodrigues, não caiu em coração desagradecido; e Deus louvado, Vaz Gil ainda pode, pela dedicação de sua vida, resgatar o empenho em que se acha para comvosco. Não sabeis que era uma injustiça que Samuel praticava para comigo, em revindicta de não ter accedido a uma infame proposta; julgastes que á mingoa de dinheiro para lhe compensar a fazenda que elle disse ter-me entregue, ali me achava no Tronco, e accorrestes generoso para salvar-me, entendendo talvez que eu me havia degradado por alguma negra acção, roubando ao meu proximo o que me confiara! Esta foi de certo a vossa supposição de hontem. Enganastes-vos porém. Ainda assim, o feito prova a bondade do vosso coração; e se não fosseis tão generoso, que assim quebrastes pelo pretexto do judeu, por tempos jazeria na prisão até o negocio ser liquidado, e gastaria com as justicas d'el-rei o que me não sobrava para o sustento da mulher e dos filhos!... Não vistes, se-

nhor Simão Rodrigues, aquellas lagrimas que hontem correram de seus olhos quando reconhecidos vos beijaram as mãos? Não vieram ellas cair somente em vós; calavam-me aqui pelo coração, e o que me passa por elle não sae sem o devido premio ou castigo. Horas depois, pensando em vós, e nos meios de compensar-vos, vieram-me à memoria as propostas de Samuel; combinei certos gestos que lhe vi quando ajustastes contas com elle; recordei-me de varias palavras que me dissera quando me propoz o crime, e deduzi d'ahi que o negocio ia ter comvosco. Lancei-me logo em procura de melhores esclarecimentos, e, descobrindo a verdade, encontrei-me felizmente em circumstancias de vos prestar um serviço.

— Obrigado, senhor Vaz Gil, obrigado: porém de tudo isso nada posso por ora inferir do que desejo saber.

— Contae-lhe tudo.

Continua.

DA INDEPENDENCIA DO BRAZIL.

Conclusão.

IV

Todas as providencias que temos mencionado reclamavam para seu proficuo desinvolvimento outra de grande alcance politico e moral — a educação religiosa e litteraria.

O directorio que para a educação dos indios se havia estabelecido em 1758 demonstrou-se insufficiente; e por isso, pelas cartas regias de 2 de Dezembro de 1808, e 5 de Setembro de 1811 se crearam juntas de civilisação. Estabeleceram-se em a nova côrte a academia militar com estudos de mathematica, physica, historia natural, etc.; aulas de commercio para as cidades maritimas; varias de medicina, cirurgia e pharmacia; outra de agricultura na Bahia; instituiu-se um laboratorio chymico; e franqueou-se a bibliotheca real, e o gabinete mineralogico. Para o collegio das artes, e tyrocínio da gente fabril se mandaram ir de Lisboa varios peritos no ensino, e se lançaram as bases de um instituto polytechnico. Aos estrangeiros distinctos em musica, pintura, gravura, architectura, etc., se liberalisaram pensões; e em Portugal e no estrangeiro não só se buscaram machinas para aperfeiçoamento dos trabalhos agricolas, fabris e nauticos, como igualmente se attrahiram artistas intelligentes para o ensino e pratica das minas de salitre, ferro e oiro. Promoveu-se a introdução de plantas estranhas ao clima, e em breve se naturalisaram a arvore do pão, a madeira de teca, o arbusto do chá, e muitas das ricas especiarias do oriente.

Cada um d'estes ramos que de leve aqui tocamos, avigorando o impulso à civilisação do Brazil, havia necessariamente ao cabo de annos pro-

duzir o facto da sua independencia; porque homens constituídos n'um benefico paiz liberalmente enriquecido pela Providencia, e collocado n'um ponto a todos os respeitos excellente para a navegação dos dois mundos; dotados de natural aptidão para todos os mesteres de uma sociedade illustrada, não poderiam olhar muito tempo indifferentes para uma dependencia que necessariamente rebaixava os estimulos patrioticos. Era bem de conhecer que ao passo que se ennobrecia e cultivava o espirito brasileiro, se lhe lançava no coração a semente da independencia, que gradualmente germinava, crescia e robustecia apar das sciencias, lettras, officios e artes, para em tempo adequado produzir seus sazonados fructos. Portugal, arrancando aquella região à barbaridade e à idolatria, conduzindo-a na via do progresso e da illustração, amparando-a nos primeiros tentamens da sua independencia, e quebrando per si mesmo a tutoria, quando encontrou o pupillo em termos de bem se reger, deu ao mundo um grande exemplo de abnegação, e provou que o espirito das suas descobertas nos esplendidos seculos da nossa maior gloria foi o da religião e civilisação.

Concluiremos estas reflexões com uma breve consideração sobre a escravatura, que em nossa opinião mais arruinava do que fazia florescer o Brazil.

Este trafico tornando inertes e indolentes os naturaes, que vivendo à custa do suor africano, se eximiam à necessaria e util lei do trabalho, era uma das mais poderosas causas que obstavam ao crescimento da população, que em tres seculos não pôde ali medrar, como depois que se estabeleceram as suas leis coercitivas.

Se em vez de se arrancarem braços à negricia para os empregar no Brazil, arriscando assim grossos capitaes n'um fundo tão precario, se tivesse promovido com esses mesmos capitaes a colonisação por meio de migrações de artistas e lavradores intelligentes da Europa, a terra de Santa Cruz não se encontraria tão despoxada, como effectivamente se achou no começo d'este seculo, e o estado de prosperidade em que hoje está o Brazil seria muito mais florecente, com uma terra feracissima como aquella é, refrescada continuamente com virações periodicas, e orvalhos beneficos com que a natureza espontaneamente coadjuva ahi o braço do lavrador.

Sirva de exemplo a America do Norte, que desabrida e sujeita a epidemias e tufões, que quasi periodicamente destroem milhares de homens e o fructo das suas industrias, tem augmentado prodigiosamente a população, preponderando ahi, em força physica a raça dos colonisadores, por que ás artes se não oppunham estorvos, nem os agricultores eram os escravos, nem o braço vigoroso e a cabeça intelligente que ali chegasse ficava desoccupado e inactiva.

A raça não desceu, nem se mingou, como mostrou a experiencia, onde se cortou pela importação dos africanos; ao contrario subiu e me-

lhorou, como se provou entre nós na ilha da Madeira; que sendo antes colonia de assucar, depois com a prohibição da entrada de africanos, substituiu aquella cultura pela das vinhas, e se elevou em gente e riqueza.

Todas estas considerações, e a da grande noção e desdoiro que a escravatura lançava sobre a apregoada civilisação da Europa, contribuíram para o commum accordo das nações na sua abolição. Com esta triumphou a causa da justiça e da humanidade; e o Brazil recebeu ainda da Europa o beneficio de em poucos annos duplicar a sua raça nativa, que ao cabo da proficua acção dos tempos hade produzir a sua maior gloria e opulencia.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

OS JUDEUS DEPOIS DE CHRISTO.

Conclusão.

D. Manuel quando subiu ao throno libertou todos os que jaziam escravizados; mas requerido depois pelos reis de Hespanha para que mudasse de politica, não obstante serem os judeus em grande parte do mundo tolerados e consentidos, vacillou por muito tempo se os expulsaria dos seus estados. Muitas considerações o separavam da opinião dos reis catholicos, mas razões mais politicas (da falsa politica d'aquelles tempos infelizes), que philantropicas, o levaram em Dezembro de 1496, estando em Muja, a ordenar a saída dos judeus de Portugal, dentro de um praso prefixo, podendo levar tudo o que era seu. Na quaresma do anno seguinte 1497, por conselho havido em Estremoz, se deliberou tomar-lhes por força e a occultas todos os seus filhos menores de quatorze annos, providencia, cuja execução se começou logo por todo o reino para que se não escapulisses. A ordem era barbara, e foi occasião de grandes atrocidades. O zelo paterno chegou a sepultar vivos muitos filhos em poços e rios, antes de os entregarem para serem doutrinados na religião christã!

Depois da expulsão dos moiros, a dos judeus de Hespanha e Portugal foi a mais decidida e varredora. Avalia-se em mais de meio milhão de individuos, os que saíram de Hespanha a instancias do inquisidor João de Torquemada. Foi assim que privaram a peninsula dos seus mais prestadios habitantes, que na maior parte buscaram refugio nas costas d'Africa, onde geralmente acharam melhor acolhimento.

«São homens de trato (dizia d'elles João de Barros), e onde quer que vivem, sempre buscam a sombra do favor do principe por serem aborrecidos da gente.» Os christãos novos, ou judeus convertidos por occasião da expulsão ordenada por el-rei D. Manuel, continuando com as tradições e costumes da sua raça, apoderaram-se dos contractos publicos e rendas dos dizimos, com desvantagem do povo, pelo que herdaram a des-

affeição do povo. No domingo da paschoella 19 (Resende diz 20) d'Abril 1506 por um caso fortuito, começou na egreja de S. Domingos de Lisboa um tumulto contra elles, que continuou na segunda, e na terça feira. Diz-se que passaram de quatro mil os mortos, queimados, e estrangulados. Tomavam os que haviam mutilado e ferido mortalmente, amarravam a estes meio cadaveres os judeus vivos, e queimavam tudo de mistura, e aos montões nas praças publicas. Os paes não ousavam chorar os filhos, nem os filhos derramar lagrimas pelos paes, qualquer que fosse o seu desespero vendo-os arrastar ao sacrificio. O estado d'uns e d'outros era tão deploravel, o temor tinha-os abatido por tal forma, que a figura dos vivos podia apenas distinguir-se da dos mortos. Não padeceram só as pessoas. Todas as casas dos judeus foram saqueadas: Um mez depois, em 22 de Maio, condemnava o rei por um acto seu datado de Setubal este infausto tumulto, mandando devassar do caso, e impondo severas penas aos complices.

Ao passo que os judeus experimentavam em Portugal d'estas provações supremas, não perdiam nunca o animo, e procuravam por todos os modos legalisar e garantir a sua permanencia n'outros estados. Diz-se mesmo, que dois dos seus mais celebres rabinos foram queimados, um em Italia, outro em Hespanha, por tentarem seduzir Francisco I, e Carlos V. A mesma influencia levou talvez o papa Paulo IV, depois de 1555, allegando o perigo da propagação da doutrina dos antigos hebreus, a promulgar leis contra os que viviam espalhados pelos dominios da egreja, ordenando que vivessem juntos em logares separados das habitações dos christãos, e trouxessem, os homens, para se reconhecerem, um signal, chapeo ou barrete, de còr de açafraão ou amarello; e as mulheres veio da mesma còr. Ordenou tambem que os que encerrava nos *ghetos* não pudessem ter amas, nem criados, nem criadas christãs. Prohibiu-lhes trabalharem publicamente nos domingos e dias festivos, assim como toda a familiaridade mercantil e commensal com os catholicos, a quem os medicos judeus não poderiam curar, nem assistir quando enfermos, por mais que fossem chamados ou rogados.

A França não afrouxava na sua proscricção de seculo para seculo. Luiz XIII, em 1615, renova contra os judeus o edito da sua expulsão porque alguns hollandezes e portuguezes, attrahidos á França pelo marechal d'Ancre, tinham sido surprehendidos em Paris a celebrar a paschoa. Algum tempo depois um, chamado João Fontannier, successivamente advogado, secretario do rei, catholico, monge, calvinista, e judeu, deliberou-se afinal a prégar o judaismo. Foi preso mesmo na occasião em que dictava a seus ouvintes — «Treme-me o coração... e cae-me da mão a penna...» Não saiu da prisão senão para ser queimado, assim como uma obra de composição sua, intitulada *Thesouro inestimavel*.

Só os judeus de Metz foram exceptuados da

proscrição de Luiz XIII, e continuaram a possuir em França domicilio publico e autorizado.

Pela incerteza da sorte dos judeus nos seculos passados, se pode conhecer que não estavam muito d'accordõ consigo mesmos, sobre o perigo a que se julgavam expostos, ou sobre a utilidade que podiam recolher de permittirem aos judeus a sua permanencia nos estados. Se eram usurarios, não se lhes podia negar a qualidade de negociantes habeis. Os christãos não curavam da industria nem do commercio; juntando a esta negligencia um gosto grosseiro, ainda que mui vivo, pela dissipação e pelo luxo. Se os judeus os arruinavam tambem lhes satisfaziam suas paixões e sua preguiça. Por toda a parte se ignoravam até os elementos da arte das finanças; e quasi que só elles eram habeis calculadores; e encaravam á primeira vista às vantagens de contractar em grosso as rendas do soberano. Os judeus foram os unicos contractadores de rendas publicas até que os italianos e os lombardos vieram partilhar com elles esta profissão lucrativa. Só com o correr do tempo é que os povos se tornaram mais esclarecidos e aprenderam á sua custa o commercio, e a sciencia de entreter e augmentar os proprios gosos, e a arte de combinar os recursos dos estados com as faculdades da nação.

Ainda que com o XVIII seculo raiou para os judeus da Europa uma nova epoca de tolerancia, mórmente na Alemanha, na Prussia, na Hollanda, na França, na Inglaterra, e na Russia, o progresso das idéas não foi tão rapido, nem era ainda tal, que em fins de 1789 os membros da nobreza e do clero na assemblea nacional, primeira da revolução franceza, não votassem contra a admissão dos judeus ao gozo dos direitos communs; e quatro annos depois, em 1793, não fossem ainda tão suspeitos, pelo prejuizo geral a respeito das suas antigas tendencias, que offerecendo-se para fazerem o fornecimento da praça de Moguncia, então assediada, parecendo ser meio astucioso o quererem que lhes pagassem os comboyos de viveres, que pelo inimigo fossem apprehendidos no transito, os deputados commissarios da convenção Rewbel e Merlin não rejeitassem a proposta, temendo, segundo diz um distincto historiador contemporaneo, que os mesmos proponentes não mandassem ás estradas roubar os seus proprios comboyos!

É a Bonaparte que os judeus podem com justiça dizer que devem a sua rehabilitação politica na Europa. Em 1806 fez reunir em Paris um synhedrio, a que propoz doze questões respectivas ás suas doutrinas moraes, sociaes, e disciplinaes. Sendo satisfatorias as respostas dos judeus, um decreto lhes deu organização regular em toda a França, collocando-os no mesmo pé que os outros francezes. Este systema tem permanecido. A Prussia, e outras potencias germanicas seguiram o mesmo exemplo, e as Hespanhas nas suas novas reconstituições politicas permittiram tambem que os judeus até pudes-

sem chegar a alcançar os direitos de cidadãos.

Desde que a razão, e uma politica mais sã, adoçaram a acção dos governos, os judeus tem tido destino mais favoravel. As perseguições passageiras, que supportaram na Polonia e n'outras partes, não os impediram de adquirir sempre e em todos os logares grandes riquezas. Na Grã-Bretanha, onde experimentaram as mesmas vicissitudes de tolerancia e de perseguição que nos outros estados europeus, respiram livres, e tão livres, que sendo considerados naturaes e não estrangeiros os que nascem em territorio inglez, sem outra inhabilidade politica mais do que a de terem assento no parlamento, e exercerem alguns cargos publicos, até estas limitações, combatidas por successivos projectos de reforma, estão alluidas, e a ponto de desaparecerem da constituição d'um povo livre e philantropico.

Cidadãos já em quasi todo o mundo, oxalá que os judeus pelo uso nobre da sua fortuna e da sua industria, possam conservar a pacifica posse da maior das suas conquistas modernas! Oxalá que uma generosidade bem entendida corrija as tradições da avareza, que por tantos seculos os perdeu, e concorra a conservar-lhes todos os direitos da humanidade e da patria!

CATALOGO DOS GOVERNADORES DA ILHA DE S. THOME E PRINCIPE.

- Francisco de Figueiredo, 1586.
 Miguel Telles de Moura, 1587.
 Duarte Peixoto da Silva, 1591.
 D. Fernando de Menezes, 1593.
 Vasco de Carvalho, 1597.
 João Barbosa da Cunha, 1598.
 Antonio Maciel Monteiro, 1601.
 Pedro Botelho d'Andrade, 1604.
 D. Fernando de Noronha, 1609.
 D. Francisco Telles de Menezes, 1611.
 Luiz Dias de Abreu, (ouvidor) idem.
 Feliciano Coelho de Carvalho, 1613.
 D. Fr. Jeronymo Quintanilha, (bispo) idem.
 Miguel Corrèa Baharem, 1616.
 D. Fr. Pedro da Cunha, (bispo) 1620.
 Jeronymo de Mello Fernandes, 1623.
 André Gonsalves Maracote, (capitão general) 1627.
 Francisco Barreto de Menezes, (idem) 1632.
 Antonio de Sousa Carvalho, (idem) 1636.
 Manuel Quaresma Carneiro, (idem) 1640.
 Lourenço Pires de Tavora, 1642.
 Cristovão de Barros do Rego, 1656.
 Pedro da Silva, (capitão general) 1661.
 Paulo Ferreira de Noronha, (idem) 1669.
 Julião de Campos Barreto, (idem) 1673.
 Bernardim Freire d'Andrade, (idem) 1677.
 Jacintho Figueiredo de Abreu, 1680.

Antonio Pereira de Brito e Lemos, (capitão general) 1687.
 Antonio Pereira de Lacerda, (idem) 1689.
 Antonio Pereira de Berredo, (idem) 1693.
 José Pereira Sodré, (idem) 1695.
 Manuel Antonio Pinheiro da Camara, (idem) 1697.
 José Corrêa de Castro, 1702.
 Vicente Diniz Pinheiro, 1709.
 Bartholomeu da Costa Ponte, (capitão general) 1715.
 Antonio Furtado de Mendonça, 1717.
 José Pinheiro da Camara, (capitão general) 1722.
 Serafim Teixeira Sarmiento, (idem) 1727.
 Lopo de Sousa Coutinho, (idem) 1734.
 D. José Caetano Souto-maior, (idem) 1736.
 Antonio Ferrão de Castel-branco, (idem) 1741.
 D. Fr. Luiz da Conceição, (bispo) 1744.
 D. Fr. Luiz das Chagas, (idem) 1747.
 Antonio Rodrigues Neves, 1751.
 Lopo de Sousa, (segunda vez) 1754.
 Luiz Henriques da Motta e Mello, (capitão general) 1758.
 Lourenço Lobo d'Almeida Garcez Palha, (idem) 1767.
 Vicente Gomes Ferreira, (idem) 1770.
 João Manuel d'Azambuja, 1778.
 Cristovão Xavier de Sá, 1782.
 João Rosendo Tavares Leotte, 1788.
 Ignacio Francisco Nobrega de Sousa Coutinho, 1797.
 João Baptista e Silva, 1799.
 Gabriel Antonio Franco de Castro, 1802.
 Luiz Joaquim Lisboa, 1805.
 João Maria Xavier de Brito, 1824.
 Joaquim Bento da Fonseca, 1830.
 D. Fernando Corrêa de Noronha, 1836.
 Bernardo José Soares de Andréa, 1839.
 José Maria Marques, 1842.
 Carlos Augusto de Moraes e Almeida, 1846.
 José Caetano Pessoa, 1847.
 José Maria Marques, (segunda vez) 1849.
 Francisco José de Pina Rollo, 1853.
 Adriano Maria Passalacqua, (interino) 1855.
 D. Manuel de Saldanha da Gama, (não chegou a partir de Lisboa) 1856.
 José Maria Lobo d'Avila, (idem) idem.
 Francisco Antonio Corrêa, (vae a caminho) 1857.

F. M. B.

IMPROPERIOS.

I

Com que extremos te quiz, ó formosura!
 Ao teu culto minh'alma se rendeu,
 E vida e coração entregou tudo
 Julgando achar em ti d'amor um ceo!

Ao ver-te a vez primeira n'esse baile,
 Radiante de galas e de amor,
 Perdi-me a contemplar-te transportado,
 E ceguei-me do teu rosto no fulgor!

Não te lembras depois d'aquella walsa,
 Em que loucos no infrene turbilhão,
 Ao compasso da orchestra, unidos ambos,
 Nos olhos nos fallava o coração?

Que bella estavas tu n'aquelle instante!...
 Os olhos incendidos do prazer,
 Faces purpureas, e arquejante o seio,
 Como quem mal podia amor conter!

Com que indulgencia, ó virgem, me escutaste.
 Quando ao depois de amores te fallei!...
 Sorriste e abaixando a voz disseste:
 «Mentir não deve, que enganar não sei!»

Era mais do que esp'rança aquella phrase:
 De ternura um protesto era formal!...
 Não julgava em labios d'anjo achar mentira...
 Mulher, acreditei-te... por meu mal!

II

Onde encontrar a verdade?
 Onde encontrar a paixão?
 Se hoje onde era o coração,
 Sómente existe a vaidade!
 Nasce um puro affecto ardente,
 A florir a par da esp'rança,
 No affecto exalta-se a mente,
 E sonha, e pensa, e não cansa.

A existencia é toda flores,
 Um mundo se forma ideal,
 Porque um seio virginal
 Abriga os castos amores!
 Damos alma e vida e fé,
 Porque um amor elevado,
 Nunca pode ter ao lado
 Uma duvida de pé!

A luz de tal sentimento
 Accendeu-a a lealdade,
 Que não fere a virgindade,
 Nem sequer no pensamento!
 E por fim, onde julgamos
 Encontrar, nobre e discreto,
 Como este affecto outro affecto,
 Ignobil traição achamos!

Onde viamos ternura,
 Se aninhava a vilania,
 Porque a torpe formosura
 Guardar a fé não sabia!
 Qu'ria incessante um cortejo
 De immensas adorações,
 E rendidos corações
 Trazer em longo cortejo!

III

Diz agora, mulher, que fizeste,
 Dos protestos e juras d'amor?
 Tão depressa já tudo esqueceste,
 Tudo negas com tanto impudor?!...

Como a mascara breve arrojaste,
Quando preso me viste, mulher?
E depois como o escarneo vibraste,
Quando os zelos não pude conter!...

Que vaidade satanica e fera,
Em teus olhos e labios fulgiu,
Quando em zelos accessa e severa
De perjura minh'alma te arguiu!...

Ai! tão nova, tão nova e formosa,
E com alma já tão desleal!...
Quem dirá que no calice a rosa
Tem co'o aroma um veneno mortal?!

Despresaste d'amor um thesouro,
Esmagando a' minh'alma sem dó,
Fôra mais que vileza — desdouro,
De taes zelos rojar-me no pó!

E não tremes da ira do Eterno?
Não te pejas de ser qual tu és!?
Mulher, vibora, monstro do inferno,
A voragem não vês a teus pés?

Podes inda emendar-te, querendo:
Mais tarde, é já tarde de mais!
Da traição ás infamias descendo,
Immergir-te em mil odios tu vaes!

Não por mim, mas por ti, scisma e pensa
Mede o abysmo, calcula-lhe o horror!
A vaidade, mulher, não compensa,
O despreso do mundo e do amor!

Em paz fica demonio! O teu nome,
Para sempre a minh'alma riscou,
No despreso a vergonha ella some,
Da paixão com que tanto te amou!

IV

Que ninguem me tome a serio,
As injurias que aqui vão,
A minha vida não fazem
A mais pequena allusão.
É phantastica esta ingrata,
E phantastica a traição!

Foram pedidos taes versos,
E não me pude esquivar,
E sem ser este o meu genero,
Dei quanto podia dar!
Creei coisas impossiveis,
Para taes odios achar!

Não é possivel na terra,
A lindeza ingrata ser.
Não, não pode um rosto d'anjo,
Alma de fera conter;
Se a formosa a amor se entrega,
D'esse amor faz um dever.

Essa lista de improperios,
Que n'esses versos lancei,
Crime são — e nem desculpa
Merecem elles — bem sei!
Por ordem d'uma lindeza,
Foi somente que eu pequei!

Se algumas senhoras virem,
Esta feia e negra acção,
Podem dizer as leitoras:
Não ha nenhuma allusão,
Taes amores são phantasticos,
E phantastica a traição!

1857.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A ESCADA D'OIRO.

A caridade é uma escada d'oiro; e esta escada tem oito degraus.

O degrau inferior é — dar, mas de má vontade; com a mão, não com o coração. O pobre acceta, por que tem precisão; mas diz: Oh! mau rico! E Deus não tem recompensas para uma tal dadiva.

O segundo degrau é — dar de boa vontade; mas não segundo as posses. Beneficencia que calcula não é caridade.

O terceiro degrau é — dar segundo os meios, mas depois de ter sido sollicitado. Muitas vezes se é enganado assim; porque não é sempre o que pede que tem mais necessidade.

O quarto degrau é — ir ao encontro do desgraçado; mas dando-lhe na mão, excita-se a sua vergonha.

O quinto degrau é — dar sem ver. Nossos avós depunham muitas vezes uma esmola em um logar onde os pobres iam buscal-a sem serem vistos.

O sexto degrau é — dar sem nos fazer conhecer.

O setimo degrau é — dar tudo, ficando desconhecido um ao outro; é o que se fazia no sauto templo de Jerusalem, pelos depositos na sala mysteriosa. Dava-se em segredo, e em segredo eram sustentadas as familias pobres mais respeitaveis.

O oitavo degrau é — dar para tirar da miseria ou impedir que ahi se caia. Assim está escripto: «Se teu irmão descae, se a sua mão enfraquece, sustem-no, não permittas que elle caia; estrangeiro ou indigena, faze-o viver a teu lado; sustenta-o decentemente.» É o degrau mais elevado da escada d'oiro da caridade, e para o qual Deus reserva todas as suas benções.

Nada ha mais versatil, e instavel, que a opinião: é vária, no mesmo instante, de homem para homem; é vária, no mesmo homem, de instante para instante.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA DE FRANÇA.

ANECDOTAS E FACTOS PARTICULARES SUCCEDIDOS NO
TEMPO DOS REIS DA SEGUNDA RAÇA.

Continuação.

O combate dos animaes ferozes era divertimento muito vulgar no tempo dos antigos reis de França. Não só o davam ao povo, mas muitas vezes o tomavam em particular no recinto do seu palácio. Foi em um d'estes divertimentos que Pepino humilhou a arrogancia d'alguns nobres que tinham gracejado sobre a pequenez da sua estatura, que fazia com que lhe chamassem o *Pequeno*. Combatiam um leão e um toiro; já o primeiro tinha lançado por terra o adversario, quando Pepino, voltando-se para os criticos, lhes disse: «Qual de vós se sente com bastante coragem para ir, ou separar, ou matar aquelles furiosos animaes?» Todos ficaram calados. «Irei eu,» continuou o monarcha com frieza. No mesmo instante tira a espada; salta á arena; vae direito ao leão e corta-lhe as guelhas; e, sem perder tempo, descarrega tão violento golpe no toiro que lhe decepa a cabeça. Toda a cõrte ficou admirada de tão prodigiosa força e d'este atrevimento inaudito. Os autores da mofa ficaram confundidos. «David era pequeno, lhes disse o rei com altivez heroica; mas abateu o orgulhoso gigante que ousara despresal-o.» Todos exclamaram que merecia o imperio do mundo.

Carlos Magno selava algumas vezes as suas ordenanças com a maçã da espada: «Sustental-as-hei, com a ponta,» dizia elle.

Este poderoso monarcha usava d'inverno um gibão de pelle de lontra, sobre uma tunica de lã, com simples bordados de seda. Punha aos hombros um saio azul; e, por calçado e borseguins, usava ligaduras de diversas côres, crusadas umas sobre outras. Depois cobria-se com uma capa tão comprida por diante e por detrás que chegava aos pés; tão curta dos lados, que apenas chegava aos joelhos. Queria, por esta nobre modestia, fazer voltar a nação á simplicidade de seus antepassados.

Um de seus exercicios mais ordinarios era nadar. Executava-o não só com os reis seus filhos, mas frequentemente com as pessoas da cõrte, e algumas vezes mesmo com os officiaes e soldados da sua guarda; e avantajava-se a todos.

Carlos Magno previu com magoa o damno que os normandos, que começavam a apparecer no seu reinado, causariam a França. «Se apesar de todo o meu poder, dizia suspirando, elles ousam insultar as costas do meu imperio, o que não farão quando fôr dividido?» Tomou entretanto as mais sabias medidas para prevenir estes desastres. Visitou os seus portos, e fez construir tão prodigioso numero de navios, que os tinha desde as bocas do Tibre até á extremidade da Germania. Todas estas embarcações deviam estar sempre armadas e esquipadas. Em Bo-

lonha é que fundou o principal arsenal da sua marinha: fez ahi restabelecer um antigo pharol, que todas as noites se accendia.

Carlos o Calvo, e Luiz de Baviera, seu irmão, uniram-se em tão estreita amisade, que, dando publicamente um no outro, *recommendavam suas mulheres e filhos ao que sobrevivesse*; era uma maneira solemne de contractar alliança.

O conde d'Anjou gostava muito de cantar no cõro. Tendo sabido que Luiz o ultramarino zombava d'isso, escreveu-lhe mui seriamente: *Sabei, senhor, que um principe illetrado é um burro coroado*.

A ignorancia era tão profunda, que não se sabia ler nem escrever. Não se conheciam os dominios senão pelo uso; os tratados conservavam-se na memoria. Só o clero, que tinha alguma grosseira tintura de lettras, aproveitava a estupidez dos homens; recusava a sepultura a quem morria sem testamento ou sem legados pios. A reforma de Clugny restabeleceu a disciplina monastica, tão despresada como os canones. Era um espectáculo edificante no meio de tantas desordens. Mas o auto da fundação de Clugny por Guilherme, duque d'Aquitania, é um monumento digno do seculo. Diz que os frades terão o romano pontifice por defensor, e não serão *subjeitos nem ao rei, nem a nenhum poder da terra*. O novo mosteiro tornou-se d'improviso exorbitantemente rico. As doações foram tão numerosas, que em 1774 existiam ainda cento oitenta e oito titulos dos que recebeu Odon, o segundo abbade.

N'este seculo os frades herdavam de seus parentes, e tinham bens proprios; em quanto que os seculares não podiam herdar dos parentes frades. Era uma fonte de riquezas, junta ás profusões das almas devotas. Assim, estes piedosos cenobitas tornaram-se tão ricos, que se censurava ao celebre Alcuin ter mais de vinte mil escravos; e tão poderosos, que alguns tinham ousado pôr-se á frente d'um partido, e reunir tropas. Os abbades, titulo pertencente só aos chefes dos mosteiros, traziam então o baculo pastoral, antigo distinctivo da dignidade pontifical na Roma pagã.

A cabelleira comprida deixou de ser o signal caracteristico dos principes, no tempo dos reis da segunda raça: a exemplo dos frades, tinham o cabello curto.

Nota-se que, durante esta epoca da historia de França, havia muito poucas festas. Os nobres eram obrigados a vir celebral-as na principal cidade da sua diocese: os proprios reis tinham isso por dever. Acha-se a enumeração d'ellas em uma constituição de Carlos Magno, onde são já designadas em lettras vermelhas. Eram o Natal, S. João Evangelista, os Innocentes, a oitava do Natal, a Epiphania, a oitava da Epiphania, a Purificação de Nossa Senhora, oito dias de Paschoa, as grandes Ladainhas, a Assenção, o Pentecostes, S. João Baptista, S. Pedro e S. Paulo, S. Martinho, e Santo André.

Continua.